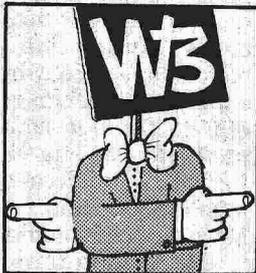


Lúcio Costa: o que sobrou me satisfaz

Sheila Dunaevits

"Brasília, hoje, é uma cidade adulta. Eu não posso pretender criticá-la se não vou lá, não participo. Teria obrigação de ir lá permanentemente para poder reclamar de alguma coisa, inclusive das modificações dos meus projetos. Mas quase não vou a Brasília e é natural que a cidade siga independente, que tenha vida própria. Mas, apesar de tudo, o que sobrou me satisfaz".



Mesmo não se considerando um urbanista, e sem escritório fixo de trabalho até hoje, Lúcio Costa está definitivamente ligado à história de Brasília. Ontem, falando do Rio de Janeiro ao *Jornal de Brasília*, por telefone, o autor do projeto urbanístico escolhido para a cidade mostrava orgulho de ter pertencido a uma equipe pioneira que "ousou sonhar Brasília". E mesmo que a cidade não seja mais a menina dos seus sonhos, ele admite que os sonhos mudam ao sair da prancheta.

Menos rigoroso que o amigo Neimeyer nos seus julgamentos, o professor Lúcio Costa reconhece que Brasília saiu da linha, desviou-se de algumas concepções originais que ele formulou, mas ainda assim é capaz de elogiar todos os resultados que a cidade hoje ostenta, inclusive as avenidas W/3 — que, para ele, fazem parte de um todo harmonioso e "com muito sabor, muito sentimento nativo".

Na opinião de Lúcio Costa, que se vê — modestamente — como um franco-atirador na arquitetura e no urbanismo, aquelas avenidas nunca serão um caso à parte na cidade. Aliás, ele pensa que a cidade interiria jamais perderá sua força como imagem, como criação da paisagem pelo homem.

— Brasília jamais será uma cidade "velha", e sim, antiga. Antiga, mas permanentemente viva. Essa cidade é uma coisa tirada da cartola, como um passe de mágica. Uma experiência que era pra valer, que pegou e está lá a cidade. Eu acho uma coisa admirável o fato dela existir. Depois de Brasília, acho que não existirá mais nada, ou então uma arquitetura como as demais, sem dimensão internacional —, assinalou o urbanista.

Alterações no projeto

Na concepção original de Lúcio Costa, a Avenida W/3 Sul, construída na década de 60, seria uma rua terciária, abrigando garagens, oficinas, depósitos do comércio a atacado, floricultura, horta e pomar. Ou seja, seria uma típica via de serviço para o tráfego de caminhões e, ao seu redor, haveria escolas, cinemas e o comércio a varejo dos bairros.

Onde hoje é a W/2 funcionaria o comércio, voltado para as quadras, comportaria açougues, mercadinho, quitandas, casas de forragens, barbearia, confeitaria, cabeleireiro, modista etc... Dentro desse esquema, existiriam locais próprios para passagem de pedestres e faixa de acesso privativo dos automóveis e ônibus.

Com a alteração, o trânsito na Avenida W/3 vem sofrendo sérios distúrbios, obrigando o Detran a tomar diversas medidas de reformulação na área. A última delas, que está sendo estudada, diz respeito a um novo sistema de semáforos.

A experiência de Lúcio Costa em Brasília difere dos pioneiros porque — como ele mesmo confirma — o urbanista não teve uma vivência mais íntima com o dia-a-dia da cidade. Passou algum tempo aqui, no início de sua construção, mas sempre como um turista ou, no máximo, um visitante bastante familiarizado. Apesar disso, ele se lembra com muita nitidez do chão de terra vermelha e da ousadia dos primeiros moradores, que se arriscavam numa aventura de futuro desconhecido.

Barulho dos tratores

A geógrafa Dorália Galesso, secretária-executiva do Instituto Histórico e Geográfico de Brasília, é uma das pioneiras anteriores a 1960, que aqui veio para lecionar na primeira escola secundária, o Caseb. Ela conta que foi morar na quadra 708 Sul, destinada aos primeiros 60 professores aprovados no concurso de âmbito nacional, e que o barulho dos tratores era incessante. Dia e noite sem parar.

Ela chegou na cidade há 24 anos, disposta a permanecer apenas um ano. Nesse intervalo, tomou-se de amores pela cidade ("acho que foi amor à primeira vista") e decidiu casar. A partir daí, vieram os dois filhos e inúmeras atividades.

— Era tudo tão diferente! Imagine que a gente sempre encontrava o Juscelino e o Israel Pinheiro, diretor da Novacap, porque a cidade era muito pequena, com pouca gente, e não havia jeito das pessoas não se encontrarem. E, desde que cheguei, não sai mais da Asa Sul, talvez para estar perto dos parentes. Mas acho a Asa Norte, talvez pelo próprio relevo, muito mais pitoresca, muito mais bem solucionada —, completou a geógrafa.

Dorália chegou a Brasília exatamente em 1958, quando a Avenida W/3 Sul era habitada por apenas 500 casas populares. Elas abrigavam 45 engenheiros, e arquitetos, funcionários categorizados e os fundadores da Rádio Nacional. Nada mais que um caminho de poeira e barro, que dava passagem às máquinas e caminhões. Contudo, não faltaram poesias para cantar e decantar os negros tempos, como essa de Paulo Nunes Baptista, intitulada Brasília.

"Dos sonhos, dos olhos, das mãos calejadas,
da dura esperança, de um povo a sofrer,
dos vales, das serras, das chãs, das chapadas,
ó flor do Planalto, te vimos nascer!
Do sangue, da luta, do sonho de um povo,
Brasília surgiste, de pedra e de amor...
E és hoje a esperança do Belo e do Novo,
Brasília! Poema de pedra e de flor..."

Arquivo



Lúcio tem orgulho da cidade que idealizou